En Bernardo Borges Buarque de Hollanda y Enésimo Rodríguez Aguilar, *Torcidas organizadas na América Latina. Estudios comtemporaneos*. Rio de Janeiro (Brasil): Viveiros de Castro Editora.

Torcidas organizadas, territórios e violencia no futebol equatoriano.

Ramírez Jacques.

Cita:

Ramírez Jacques (2017). *Torcidas organizadas, territórios e violencia no futebol equatoriano. En Bernardo Borges Buarque de Hollanda y Enésimo Rodríguez Aguilar Torcidas organizadas na América Latina. Estudios comtemporaneos. Rio de Janeiro (Brasil): Viveiros de Castro Editora.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/jacques.ramirez/19

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/peqr/yEd

Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Onésimo Rodríguez Aguilar
(Org.)

Torcidas organizadas na América Latina

Estudos contemporâneos

coleção VISÃO DE CAMPO

7 LETRAS

6. Torcidas organizadas, territórios e violência no futebol equatoriano

Jacques Ramírez Gallegos[1]

INTRODUÇÃO

Desde meados do século passado, novas *barras* surgiram no futebol equatoriano, tais como La Muerte Blanca, vinculada à LDU de Quito, La Sur Oscura, do clube Barcelona de Guayaquil, e Marea Roja, do El Nacional de Quito. Além de torcer por seus respectivos times, tais torcidas colocaram novamente em cena o histórico tema da questão regional e da bipolaridade político-econômica e urbana entre as duas principais cidades do Equador: Quito e Guayaquil. O presente capítulo analisa esta problemática e questiona a perspectiva oficial que estigmatiza as torcidas organizadas, superdimensionando o tema da violência e descolando-o dos temas locais, regionais e nacionais que nos permitem entender a dinâmica desses grupos, seus conflitos e suas práticas.

No encerramento da primeira etapa do campeonato nacional de 2014, durante o *Clásico del Estillero*, nome pelo qual é conhecido o enfrentamento entre os principais clubes do porto de Guayaquil – Barcelona SC e Emelec –, várias torcidas organizadas das duas equipes, minutos antes de começar a partida, percorreram a quadra levando uma bandeira em que se lia: "Equador é um torcedor da paz".

Dias antes, Limber Melendes, líder da *barra* Sur Oscura, do Barcelona, e Guisepe Cavana, fundador da *barra* Boca del Pozo, do Emelec, assinaram uma ata de compromisso. Nela, os torcedores de suas respectivas barras comprometiam-se a trabalhar para erradicar a violência dentro e fora dos estádios, assim como empenhavam-se em colaborar com a polícia, no sentido de acatar as normas de segurança e de contribuir para manter um bom comportamento dentro dos estádios.

Essas medidas fazem parte de uma campanha do Ministério do Interior para pôr fim à violência no futebol. Ela inclui reuniões entre as diretorias das principais barras do país e as autoridades ministeriais. Trata-se de ação

1 Agradeço a Martín Varese, assistente de pesquisa.

denominada "Paz no futebol equatoriano", a partir da qual lançou-se o movimento "Cartão vermelho para a violência". A ação implicou mudanças na direção geral de operações da polícia nacional para definir novas estratégias, que visam "permitir desenvolver espetáculos esportivos com paz e tranquilidade".

As modificações na lei tencionam punir com maior severidade os torcedores que causem distúrbios nos cenários esportivos, mediante a realização de seminários internacionais sobre "Homicídios, assassinatos e violência nos estádios". Para tanto, registra-se também a implantação de reformas estruturais nos estádios, com vistas a seguir as recomendações internacionais, o que compreende, por exemplo, o fim das barreiras de contenção que separam o campo da arquibancada, entre outras determinações.

Para qualquer pessoa não familiarizada com a realidade sociocultural do Equador e, em particular, do futebol profissional equatoriano, essas ações empreendidas pelas autoridades dariam a impressão de que existem no país altos níveis de violência e conflito em torno dos espetáculos esportivos. A tese apresentada neste capítulo postula que não se pode entender os "eventos de violência" suscitados no futebol nacional sem levar em conta o processo estrutural e histórico da: a) questão regional; b) profissionalização do futebol no Equador; e c) surgimento das *barras* e das identidades futebolísticas. O olhar "pacificador" e hipervalorizado acerca da "violência" no futebol, por parte do Ministério do Interior, desconsidera os itens acima.

Nosso olhar analítico entende não apenas que as identidades futebolísticas e suas rivalidades expressam tensões políticas, econômicas e histórico-culturais. A análise aqui proposta é mais ampla, ao encompassar as equipes, as diferentes áreas urbanas regionais e as rivalidades clubísticas, vistas sob um prisma nacional. Adotar uma perspectiva espacial, em escala local-regional-nacional, permite uma melhor compreensão, já que nos coloca dentro do sistema urbano nacional, assim como no interior da lógica de rivalidades futebolísticas (MAGAZINE; RAMIREZ; MARTINEZ, 2010).

A "QUESTÃO REGIONAL" NO EQUADOR

À diferença do ocorrido em outros países do continente, em que o projeto nacional centralista conseguiu se impor no início do século XX, no Equador têm prevalecido as identidades de viés regional, aglutinadas em torno dos três centros urbanos: Quito, Guayaquil e Cuenca. Como aponta

Maiguashca (1992, p. 182), o conflito entre centro e periferia tem sido o principal fenômeno político na história equatoriana, já que desde o início do período republicano os projetos das três cidades não conseguiram convergir para um projeto nacional aglutinador. Com o passar dos anos, paulatinamente o poder central adquire vigor e entra em conflito com os poderes regionais. Dessa maneira, a história do Equador pode ser entendida sob a ótica dos conflitos, dos interesses e das disputas hegemônicas denominadas por vários autores como a "questão regional" (CORAGGIO, 1989; QUINTERO, 1991; MAIGUASHCA, 1992).

Para Quintero e Silva (1991, p. 34-35), a presença e a persistência da "questão regional" na formação social equatoriana revelam a ausência de uma classe hegemônica na cena política, capaz de impor seu projeto como representativo do conjunto da sociedade. Com efeito, ao analisar a história do Equador podemos destacar três grandes ciclos nos quais se observa a relação entre o Estado e os poderes locais: o primeiro que começa em 1830 e termina em 1925, quando o Estado avança sobre os territórios regionais.

Em contrapartida, o regionalismo se defende e termina por se impor entre 1916 e 1925. São fortalecidas as identidades quitenha, guayaquilenha e cuencana, influenciadas por um desenvolvimento econômico motivado pela entrada no mercado internacional, graças à exportação de cacau em Guayaquil, de *cascarilla*[2] em Cuenca e, em menor escala, de couros e de têxteis em Quito. Desta maneira, estas cidades se transformaram em centros político-econômicos e, em seguida, culturais.

O segundo ciclo vai de 1925 até 1972. Durante esses anos, o Estado se recuperou e chegou a avançar sobre as resistências de cada região. Mas novamente nesse período os poderes regionais se rearticulam e conseguem se reconstituir, terminando por se impor novamente, entre 1966 e 1972. Mesmo que o Estado se fortaleça e surja um discurso nacionalista, tanto na Revolução Juliana quanto na invasão do Peru ao território equatoriano em 1941, e nos diferentes governos militares que chegam ao poder (sobretudo na Junta Militar de 1963-1966), também se assistiu a proclamações separatistas ou federalistas.

Cabe recordar a proposta das elites guayaquilenas nos anos 1939 e 1959, que proclamavam um "Guayaquil independente" devido, sobretudo, à existência de um mercado central. É nesse período que se elaboram e se

2 *Cinchona officinalis*: também conhecida como "quina", é uma planta originária da América do Sul e considerada a planta nacional do Equador. [N. T.]

promulgam os primeiros planos nacionais (1958, 1961, 1963 e 1969) com maior aceitação nos governos militares. Com efeito, a ditadura militar tentou centralizar vertical e coercitivamente o espaço nacional. A fragmentação e a regionalização eram então muito notórias e, em virtude disto, se buscou construir um "Novo Estado", capaz de romper com tais divisões, por meio de uma política integracionista e de um discurso patriota, que reverberou inclusive no âmbito esportivo.

Entretanto, esse projeto foi novamente interrompido pelas elites regionais, que, por meio das câmaras de comércio de Guayaquil, Quito e Cuenca, uniram suas forças e convocaram uma greve. A motivação baseava-se no fato de a Junta Militar ter elevado os impostos de importação, quando se aperceberam de que as elites guayaquilenas manipulavam o comércio exterior. Assim, nessa época os poderes regionais voltam a se revigorar em razão de fatores econômicos.

A terceira fase começa em 1972 e se estende até nossos dias. O Estado se robustece e, como aponta Maiguashca, pela primeira vez na história republicana ele logra, mesmo sem se converter em um poder autoritário, ao menos alcançar uma base de negociação que antes não possuía. Novamente a questão regional entra em cena e adquire novas nuances, ainda que não desapareça de todo. A década de 1970 se caracteriza pelo predomínio de governos militares com uma proposta de aprofundamento do desenvolvimento estatal, sustentado pelo *boom* do petróleo. A busca de maior autonomia governamental frente às elites regionais tradicionais e a maior abertura para as demandas de grupos sociais excluídos se tornaram evidentes com a reativação da reforma agrária e com a expansão das políticas sociais (MONTÚFAR, 2000).

Por outro lado, nessa época se produziu uma acelerada migração interna, do campo para a cidade. Enquanto em 1962, 65% da população vivia em zonas rurais, em 1974 esse percentual é de apenas 41%. A configuração transformou a distribuição demográfica do país, com os habitantes concentrados na área urbana, sobretudo nos centros metropolitanos de Guayaquil e Quito.

Novamente, dois acontecimentos ocorridos nas décadas de 1980 e 1990 fazem com que ressurja um discurso nacionalista no contexto da implementação de políticas neoliberais. Estas produziram resultados tímido quanto ao crescimento econômico e uma altíssima vulnerabilidade frente à economia internacional. O nacionalismo reaparece em meio às guerras de

1981 e 1985 com o vizinho do Sul, o Peru. Sem embargo, pode-se dizer que estes conflitos bélicos e, posteriormente, os triunfos da seleção nacional de futebol desde final dos anos 1990 têm ajudado nos últimos tempos a forjar uma identidade nacional (RAMÍREZ; RAMÍREZ, 2001). Trata-se de afirmar uma identidade equatoriana que, como mencionado, esteve impossibilitada ou sufocada pela existência de outros tipos de identidades locais. Os regionalismos competiram com o nacionalismo, mas também se assistiu a limitações decorrentes da afirmação das identidades étnicas e religiosas.

Por fim, já no alvorecer do século XXI, com a chegada ao poder de um novo governo em 2007, mesmo com a possibilidade de pensar e de planificar o Estado equatoriano, o conflito regional tomou novamente relevância. A razão principal foi o constante enfrentamento com o município de Guayaquil, em que o prefeito e as elites voltaram a retomar com força um discurso essencialista identitário, apelando ao seu histórico desejo de autonomia, com o bordão: "Guayaquil para os guayaquilenos".

A "NACIONALIZAÇÃO" DO FUTEBOL EQUATORIANO

As considerações de Pierre Bourdieu acerca do campo esportivo como um espaço relativamente autônomo em relação às condições sociais e econômicas de uma sociedade permitem entender importantes aspectos do futebol. Estes se tornam mais significativos quando localizados no interior de um particular contexto histórico.

Richard Giulianotti (1997) aponta que no futebol dois princípios de construção de significado são ativados simultaneamente. Eles atravessam a formação de identidades em diferentes sociedades: por um lado, a maneira como o jogo gera uma combinação de oposições e rivalidades binárias, ou seja, como um meio dramático de expressão das tensões e divisões entre grupos, espaço ideal para expressar variados tipos de antagonismo; por outro lado, o modo como tal esporte contribui com a reprodução da ordem social, mediante a geração de vínculos sociais ou renovados sentidos de pertencimento para pessoas das mais diferentes condições.

Tal efeito de vinculação horizontal permite o uso do conceito de "comunidades imaginadas" de Benedict Anderson, usada pelo historiador inglês para compreender a formação das nações modernas, a fim de descrever os vínculos identitários das torcidas organizadas futebolísticas de clubes e nações (ALVEZ DE SOUZA, 1996).

Tais princípios se veem potencializados em relação à qualidade espetacular do futebol, ou seja, sua capacidade de ritualização, de criação de símbolos e de condensação de emoções. Deste modo, o espetáculo futebolístico pode ser entendido como uma série de atos cênicos e atos de fala que têm lugar dentro e fora do estádio. As indústrias mais midiáticas, por meio sobretudo do periodismo esportivo, seja ele radiofônico, televisivo ou impresso, vêm tendo um papel estratégico neste processo, especialmente nas últimas décadas, com as transmissões da televisão das Copas do Mundo de futebol.

Essas considerações podem auxiliar na compreensão da forma como os sentidos da identidade nacional foram sendo produzidos tanto no interior quanto a partir do campo futebolístico. A este processo, denominamos a conflituosa e lenta nacionalização do futebol equatoriano.

Desde as origens do futebol profissional, no início dos anos 1950, a estrutura organizativa dos campeonatos, que sintonizava de certa maneira com a bipolaridade do poder político no país, esteve modelada pelas disputas entre as direções das equipes de Guayas e Pichincha. A Associação de Futebol de Guayas, criada em 1950, hegemonizou o processo de profissionalização da modalidade esportiva, organizou os primeiros torneios e liderou a concorrência nacional.

Os confrontos esportivos adquiriram matizes de conflito regional, a tal ponto que durante alguns anos os campeonatos provinciais e o campeonato nacional tiveram de acontecer de forma simultânea, mas diferenciada. O primeiro campeonato nacional contou com a participação dos campeões e vice-campeões de Guayaquil e Quito, sem que tivessem que avaliar-se entre si equipes da mesma localidade, critério que durou até 1967.

Nesses anos, a atuação da Federação Nacional de Futebol, criada em 1925, não conseguia se sobrepor às associações provincianas existentes, nem unificar regulamentos e procedimentos para regular o esporte no território nacional. Apenas no final da década de 1960, mais precisamente em 1968, se consegue organizar um campeonato nacional sem as paralelas competições de província.

Esse poderia ser um primeiro momento em que uma configuração administrativa e esportiva de alcance nacional – já haviam-se articulado quatro províncias importantes – se impõe sobre as poderosas associações de província. A organização ininterrupta destes torneios nacionais pode ser vista como um elemento propício para colocar em confronto – "integrar

pela via da rivalidade e da inimizade simbólica do jogo competitivo" (Lever, 1983) – os estilos regionais e os representantes de diversas províncias. De tal maneira se impulsionou, além disso, a formação de equipes profissionais nas principais cidades do país.

Foram o dirigente cuencano e o ex vice-presidente da República, Alejandro Serrano, que propuseram à *Ecuatoriana del Fútbol* a realização, a partir de 1970, de um "autêntico" Campeonato Nacional, com a intervenção de equipes provinciais. Assim ocorreu com Manabí (Juventud Italiana), Tungurahua (Macará), Chimborazo (Olmedo), Azuay (D. Cuenca), que formaram suas ligas profissionais.

Ainda assim, os clubes rivais ativavam, o que ainda o fazem, intensos sentidos de pertencimento e de afirmação das identidades locais, construídas a partir de específicas representações geográficas, étnicas, culturais e de classe. Tratou-se de emular os derbies entre equipes de uma mesma cidade. Estes têm sido mais importantes e mais atrativos que as partidas entre equipes de diferentes províncias. Não é estranho encontrar "fanáticos", sobretudo pessoas pertencentes às *barras*, mais adeptos de suas equipes locais que da Seleção nacional.

Contra todas as resistências locais, modelou-se a configuração, não apenas da estrutura administrativa do futebol equatoriano, mas também da lógica de representação nacional que as competições internacionais organizadas pela FIFA exigiam. Assim, a conformação das seleções nacionais esteve durante muitos anos, entre as décadas de 1950 e 1960, atravessada pela necessidade de estabelecer critérios de paridade para os representantes regionais que integrariam a equipe. Isto ocorreu como reação ao predomínio de jogadores de equipes guayaquilenas no combinado nacional. Verificam-se numerosos conflitos por conta da perda destes equilíbrios regionais, em especial durante as edições de Copa América em 1941, 1942, 1955 e 1957, e durante as partidas eliminatórias, válidas para os Mundiais, sobretudo no ano de 1965. Além disso, as disputas se intensificaram entre dirigentes das províncias, quer seja pelo controle da Federação Equatoriana de Futebol, quer seja pela designação da cidade em que se disputariam os encontros.[3]

O surgimento de uma seleção nacional se concretizou, por sua vez, em função dos campeonatos internacionais que o país enfrentou de forma

3 Muito deste confronto regional tem sido divulgado pelos meios de comunicação locais e, na atualidade, se visibiliza nos rituais das barras organizadas das equipes profissionais. (Ver RAMÍREZ, 2003).

contínua, mesmo antes da profissionalização.[4] Caberia salientar, ademais, que são os imperativos das competições internacionais que obrigam algumas Federações a estruturar representações nacionais, condicionando a definitiva nacionalização e profissionalização de tal esporte. Com efeito, a dimensão altamente competitiva do futebol passa a se manifestar de forma contundente por meio das rivalidades internacionais e dos antagonismos nacionalistas.

Em torno de tais competições, foram se construindo formas de identificação e de solidariedade social em nível nacional.[5] Isto se tornou mais relevante no Equador, à medida que a profissionalização da prática futebolística se articulava com a dinâmica das competições internacionais. A participação em eliminatórias mundiais desde 1962 e em torneios da Copa América constituem terrenos especiais de circulação de discursos e de relatos patrióticos que tendem a atenuar e obscurecer as fissuras regionais. Pode-se assim dizer que narrativas étnicas, em especial as que operam em torno do negro,[6] e narrativas políticas atravessaram o futebol nacional na segunda metade do século XX.

Apesar de as estruturas de pertencimento local e regional não terem desaparecido com o desenvolvimento do futebol equatoriano, houve casos em que as conquistas dos clubes superaram as obtidas pela Seleção Nacional – como no caso da LDU de Quito, campeão da Copa Libertadores da América, da Copa Sul-Americana e da Recopa –, os torneios nacionais se institucionalizaram em várias categorias e idades. Isto gerou uma racionalização burocrático-administrativa de corte nacional, que absorveu, sempre em tensas negociações, as associações provincianas.

AS ASSOCIAÇÕES PROVINCIANAS, AS EQUIPES E SUAS TORCIDAS ORGANIZADAS

No atual campeonato nacional de futebol equatoriano da primeira categoria, séries A e B, disputam 24 equipes pertencentes a 12 associações de

4 As primeiras participações de uma seleção nacional ocorrem em 1928 e 1939, nos jogos Bolivarianos de Bogotá e no Sudamericano de Lima.

5 Por conta da Copa América de 1995, a própria Confederação Sulamericana de Futebol estimou a possibilidade de mudar Peru e Equador de grupo, a fim de que não competissem entre si, como havia determinado o sorteio, levando em consideração as possíveis hostilidades que as ações bélicas realizadas no início desse ano poderiam provocar.

6 A ideia de "branqueamento" das equipes nacionais surgiu em varias ocasiões da história futebolística do Equador.

futebol. Tais associações esportivas respondem à mesma lógica de ordem territorial do país, isto é, têm de caráter provincial. Na atualidade, existem 22 associações de futebol no Equador, à exceção das províncias de Galápagos e de Zamora Chinchipe, que não contam com entidades associativas. As recentes províncias de Santo Domingo e Santa Elena já contam com suas respectivas associações futebolísticas.

ASSOCIAÇÕES DE FUTEBOL PROFISSIONAL EQUATORIANO

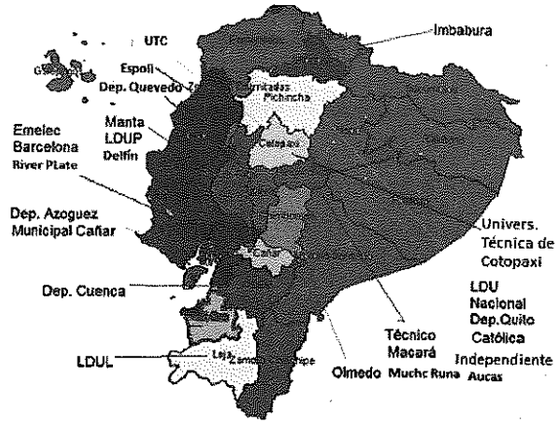
Associações de Futebol Provinciano	Cidade	Região	Equipes na Primeira Categoria (A e B)
Associação de Futebol do Azuay (AFA)	Cuenca	Sierra	Deportivo Cuenca
Associação de Futebol não amador de Chimborazo (AFNACH)	Riobamba	Sierra	Centro Deportivo Olmedo
Associação de Futebol do Guayas (AFG)	Guayaquil	Costa	Barcelona Sporting Club Club Sport Emelec Club DeportivoRiver Plate
Associação de Futebol Profissional de Loja (AFPL)	Loja	Sierra	Liga Deportiva Universitaria de Loja
Associação de Futebol não amador de Manabí	Manta Portoviejo	Costa	Manta Fútbol Club Club Deportivo Delfín Liga Deportiva Universitaria de Portoviejo
Associação de Futebol não amador de Pichincha (AFNA)	Quito Sangolquí	Sierra	Universidad Católica Club el Nacional Liga Deportiva Universitaria de Quito Sociedad Deportivo Quito Club Independiente José Terán Sociedad Deportiva Aucas
Associação de Futebol Profissional de Tungurahua	Ambato	Sierra	Club Deportivo Mushuc Runa Club Técnico Universitario Club Deportivo Macará
Associação de Futebol Profissional de Cañar (AFCA)	Azogues Cañar	Sierra	Club Deportivo Azogues Club Deportivo Cañar
Associação de Futebol não amador dos Ríos	Quevedo	Costa	Club Deportivo Quevedo

Associações de Futebol Provinciano	Cidade	Região	Equipes na Primeira Categoria (A e B)
Associação de Futebol Profissional de Imbabura (AFI)	Atuntaqui	Sierra	Imbabura Sporting Club
Associação de futebol não amador de Cotopaxi (AFNAC)	Latacunga	Sierra	Club Deportivo Universidad Técnica de Cotopaxi (UTC)
Associação de futebol não amador de Santo Domingo	Santo Domingo	Costa	Espoli

Fonte: Federação Equatoriana de Futebol

Como se observa na tabela abaixo, atualmente, dessas doze associações provincianas, oito são da serra e quatro da costa. Há mais equipes na primeira categoria em Pichincha (seis equipes), Guayas, Manabí e Tungurahua (três equipes em cada uma). Deve-se assinalar que tais associações são as mais antigas do futebol equatoriano: Guayas (1950), Tungurahua (1958), Manabí (1961) e Pichincha (1963). Cabe ressaltar que não há equipes da região amazônica no futebol de primeira.

EQUIPES DE FUTEBOL DE ACORDO COM PROVÍNCIA DE PERTENCIMENTO EQUADOR (2014)



Elaboração do autor.

De 56 campeonatos nacionais profissionais disputados até 2013, em 26 ocasiões ganharam equipes de Guayas (14 Barcelona, 11 Emelec, 1 Everest), 28 vezes equipes de Pichincha (13 Nacional, 10 LDU, 5 Deportivo Quito) e duas vezes ganharam equipes de "província": Olmedo de Riobamba e o Deportivo Cuenca. A concentração da maioria dos campeonatos em quatro equipes, que ganharam 85% das competições disputadas, implicou também na constituição das grandes torcidas organizadas ao redor destes clubes. Estes passaram a ser considerados os quatro grandes clubes do futebol equatoriano e os que possuem barras para além de sua cidade de origem.

O Barcelona tem sido historicamente visto como a equipe mais popular do Equador. Fundado em Guayaquil no ano de 1925 por imigrantes, em sua maioria catalães, o clube costuma ser associada aos plebeus e às classes baixas da cidade portuária. Já o Emelec, cuja fundação remonta a 1929, também por imigrantes, funcionários de uma empresa elétrica, representa os "perucões"[7] de Guayaquil, sendo denominados "a equipe milionária" ou o "balé azul". Ambas as equipes disputam o clássico do "astillero", que remete à época amadora do futebol equatoriano, quando se engendraram as rivalidades entre as equipes locais.

Na capital, Quito, a Liga Deportiva Universitária (LDU) surge em 1918, pertencente à Universidad Central. A agremiação representa, em princípio, os estudantes e os novos profissionais de classe média da cidade. Conforme mencionado acima, é a única equipe do país que se coroou campeã da Copa Libertadores da América, em 2008, título seguido pela conquista da Copa Sul-americana, no ano seguinte, e da Recopa, no biênio 2009-2010.

Por fim, vale mencionar o clube El Nacional, fundado em 1963 sob os auspícios do exército equatoriano. Em seguida, a equipe contou com o apoio das Forças Armadas, em uma época, como se indicou anteriormente, em que os militares possuíam o controle do Estado. Trata-se da única equipe que joga apenas com jogadores equatorianos, sendo reconhecida como o time formado pelos "puros criollos".

Essas quatro equipes não apenas possuem uma grande popularidade como são constituídas pelas principais barras do país. Elas comparecem com regularidade aos estádios, para apoiar sua equipe e para hostilizar os adversários. É por meio das canções, dos confrontos físico-verbais, das bandeiras, das faixas e dos cartazes que as barras exaltam o pertencimento

7 "Perucões": tradução livre de "pelucones", termo que se refere às pessoas pertencentes à classe alta. [N. T.]

clubístico, o fervor identitário e demarcam as fronteiras de rivalidade com outros grupos organizados.

O fenômeno das chamadas *barra bravas* surge com força no país desde os anos 1990. Parte do que se denomina "cultura das viagens", que se estendem desde o cone Sul até o norte do continente, tem projeção junto com elas. Ainda assim, algumas equipes possuem *barras* em período bem anterior. Das quatro equipes citadas, a *barra* mais antiga é a chamada *Boca del Pozo*, seguidora do Club Sport Emelec, fundada por sua vez em 25 de julho de 1980 e dirigida desde então por Guissepe Cavana.

O outro clube de Guayaquil, o Barcelona, também conhecido como a "equipe toureira", tem uma *barra* chamada *Sur Oscura*, criada em meados dos anos 1990 pelos jovens Denis Montero, Kleber Alvarado e Omar Salazar. O confronto entre essas duas *barras* se expressa através de canções que possuem conteúdo sexista. Trata-se de "feminilizar" o rival mediante termos chulos e pejorativos, além do manifesto caráter homofóbico. Com frequência, parte das arquibancadas chama a outra de "filho", denotando a inferioridade dos rivais:

> Toureiro viado,[8] você sonha em ser campeão
> Sonha besteiras por ser idiota e viadão
> O que aconteceu, touro viado?
> O que aconteceu, touro viado?
> Ainda espero...
>
> Que você venha ao Capwell[9] pra brigar mão a mão
> Não esqueça que seu estádio é um lixão oohhh
> Eu sei que dói, eu sei que são feios os da Oscura
> São filhos nossos... (Boca del Pozo)
>
> Os domingos em Capwell fedem à merda
> uma torcida filha da puta e covarde[10]
> é a torcida bichona do Emelec

8 "Viado": tradução livre de "meco", expressão local que significa gay, homossexual, "maricón". [N. T.]

9 Capwell: nome do estadio de Emelec.

10 "Covarde": tradução livre de "ahuevada/o", termo utilizado para se referir às pessoas covardes. [N. T.]

Emelec...emelec... viados da Primeiro de Maio...[11]
Emelec...emelec... arrombar o seu cu outra vez... (Sur Oscura)

Na cidade de Quito, a *barra* mais popular da Liga Deportiva Universitária se autodenomina *La Muerte Blanca*. O grupo foi fundado em 1996, de início com o nome de "Os Descamisados", e foi formado por jovens dissidentes de outra *barra* do time. As rivalidades futebolísticas variaram nesta cidade. Primeiro, produziu-se a rivalidade entre a LDU e o clube Aucas. Este clássico perdeu força, à medida que o Aucas foi rebaixado e os enfrentamentos entre os rivais deixaram de ser frequentes. Atualmente, o confronto entre a LDU e o Deportivo Quito é reconhecido como principal clássico da cidade.

Assim como *La Muerte Blanca*, a principal torcida organizada do Deportivo Quito, a *Mafia Azul Grana*, surgiu em 1998, a partir da dissidência de torcedores de outro, intitulada *Barra de las Banderas*. Tal como nos outros casos, os motivos da separação obedecem a fatores etários – "queríamos uma barra de jovens" – e, em outros casos, também de classe – "eram muito riquinhos,[12] por isso criamos *La Muerte Blanca* e fomos ao setor sul". Por último, na cidade de Quito, deve-se destacar a *barra* do clube El Nacional, denominada *Marea Roja*, fundada em 1998.

Assim como em outros lugares, há várias canções que tematizam o confronto local. Mas também se faz necessário ressaltar o tema regional a que aludimos no princípio do capítulo. Como apontado, desde o princípio do futebol profissional, o Equador foi um território propício à visualização dos conflitos regionais (costa/serra). Isto se traduzia em cantigas e gritos de parte dos torcedores de Quito, tais como: "quem não pula é macaco,[13] macaco viadão", ao que os torcedores de Guayaquil respondiam com: "quem não pula é índio, índios mesmo são".[14] Mesmo que essas palavras de ordem tenham sido mais utilizadas nas décadas passadas, têm surgido novas, que recordam o confronto regional:

11 A Primeiro de Maio (Primero de Mayo) é uma rua central de Guayaquil, onde costumam trabalhar as prostituas.

12 "Riquinhos": tradução livre de "aniñados", termo que se refere a pessoas provenientes das classes altas. [N. T.]

13 "Macaco": tradução livre de "mono", termo depreciativo utilizado para se referir às pessoas provenientes de Guayaquil. [N. T.]

14 "Índio": tradução livre de "longo", termo depreciativo utilizado para se referir às pessoas da serra. Faz alusão ao caráter étnico, maior presença de indígenas, que ocorre na região serrana. [N. T.]

Rey de Copas, o maior do Equador
Não resta dúvida, os troféus que exibimos na vitrine da Casona
Nós dedicamos à imprensa que fala mal, a imprensa macaca

Uma bandeira que diga Che Guevara
Um par de *rocanroles* e baseado pra fumar
Todos queremos matar os toureiros
Queimar o Astillero
A volta por cima vamos dar (Muerte Blanca)

Cabe salientar que as identidades grupais torcedoras, assim como todas as formas identitárias, são construções em permanente reelaboração. Elas se modificam e/ou se alteram de acordo com cada conjuntura esportiva. O êxito da LDU, de Quito, na primeira década do século XXI, ao ganhar vários campeonatos nacionais e internacionais, impeliu a que a maioria dos torcedores de futebol, mas não necessariamente todos os torcedores pertencentes às *barras*, torcessem por este time, sobretudo nas etapas finais da Copa Libertadores de 2008. Nesta ocasião, pela primeira e única vez, um clube equatoriano ganhou a Taça continental. Os jogadores puderam testemunhar, em várias partes do continente, cartazes com os dizeres de incentivo ante a façanha inédita: "é pra você, Equador". Ou: "obrigado, Equador, por estar unido".

CONCLUSÃO

Em outra oportunidade, tratei o futebol como um espaço de produção e representação de uma "lógica simbólica de masculinidade violenta":

> O universo futebolístico se constitui como uma arena especialmente apta para oferecer à comunidade masculina espaços, atores, ações e práticas que conduzem à produção e reprodução de um *ethos* que, enquanto conjunto de emoções culturalmente organizadas de um grupo ou de uma comunidade, se constitui como uma forma de *educação sentimental masculina*. (ALABARCES y RODRÍGUEZ, 2003)

Leituras superficiais, sobretudo de autoridades, jornalistas e dirigentes esportivos, têm atribuído a violência a uma suposta irracionalidade das massas e a atos premeditados de grupos juvenis. Este tipo de argumentação tende a estigmatizar os sujeitos, com metáforas biologizantes: "são corpos estranhos que devem ser extraídos do corpo social". Ou são categorizados

como sujeitos animalizados: "bestiais, animais selvagens" (SANTOS, 2003; ALABARCES, 2000).

Ao abordar o tema da violência no futebol, não é possível pautar-se em explicações monocausais, menos ainda em termos de relação simplistas de causa-efeito. Neste sentido, deve-se evitar leituras reducionistas ou denúncias apocalípticas. Ao contrário, o problema deve ser abordado mediante uma postura crítica, o que implica não se cingir ao nível empírico-descritivo dos fatos. Deve-se fazer o que Geertz denominava "interpretações densas", capazes de revelar "os significados assumidos por tais fatos em uma comunidade particular e em um momento específico".

Para autores como Eric Dunning:

> Lutar, tanto dentro como entre grupos, é necessário para conseguir manter uma boa reputação, de acordo com as normas de masculinidade agressiva. Os melhores lutadores costumam se destacar como líderes e todos os membros destes grupos têm de pelear para sentir e demonstrar aos outros que são 'homens'. É por isso que, para os torcedores, combater-se mutuamente é tão ou mais interessante que assistir a uma partida de futebol, a luta como principal fonte de prestígio individual e grupal. (1995, p. 283).

Um dos fatores explicativos da conduta violenta dos torcedores de futebol se relaciona fundamentalmente às normas de masculinidade que: a) ressaltam até o extremo a rudeza e a habilidade para brigar; b) são, neste aspecto, distintas em grau – mas não em classe – das normas de masculinidade atualmente dominantes na sociedade em geral; c) tendem, em consequência, a receber a constante condenação dos grupos socialmente dominantes.

Outros apontam que a violência nas arquibancadas pode ser entendida como uma forma de "agressão ritualizada", na medida que os atos violentos assinalam uma disputa por identidade, por imaginário, por território simbólico e, às vezes, real (ALABARCES, 2000, p. 214), ou então como produto da paixão coletiva vivida nos estádios, dado que o futebol parece estar desenhado para expressar sentimentos e emoções "ilógicas", como a paixão (BROMBERGER, 1994).

Essas perspectivas mais ligadas à antropologia urbana falam, inclusive, de um processo de "neotribalização" ou formação de "tribos urbanas", fruto de uma crise de personalização da sociedade que está levando a um individualismo extremo em um contexto de desestabilização social. As mesmas tribos:

> ... se regem pela afetividade entre os pares, se ligam a um totem comum, que no caso dos torcedores organizados são seus tempos e suas próprias barras como entidades autônomas. Isso porque estas tribos ou agrupamentos, a fim de se diferenciarem do restante da sociedade, criam identidades geralmente relacionadas a produtos da indústria cultural, sobretudo a partir do futebol ou grupos de rock. (SANTOS, 2003)

Esse tipo de leitura costuma ficar à margem dos discursos oficiais, que condenam e estigmatizam os torcedores como os únicos causadores da violência nos estádios. Também se costuma deixar de lado o papel da polícia, que é um ator partícipe do espetáculo esportivo e, em alguns casos, vincula-se diretamente aos episódios de violência. De toda maneira, os dados para o caso equatoriano citam poucos incidentes violentos, se comparados com o que acontece em outros países da região: 30 incidentes em 2012 e 21 incidentes em 2013.[15] No período 2007-2013, são registradas cinco mortes causadas por violência nos estádios e arredores:

DATA	CIDADE	ENVOLVIDOS	EVENTO
04.11.2012	Guayaquil	Torcedores do Barcelona Torcedores do Emelec Polícia	Torcedor do Barcelona falece por conta do impacto de uma bala na cabeça, quando se dirigia ao estádio Monumental para assistir ao clássico entre seu clube e o Emelec. Supostos torcedores do Emelec atiraram no jovem a bordo de uma caminhonete. Outras imagens indicam que os disparos podem ter sido realizados pela polícia.
04.03.2012	Quito	Torcedores da LDU	Torcedor da LDU, que estava localizado no setor sul do estádio Casa Blanca, faleceu ao ser empurrado por supostos companheiros da barra La Muerte Blanca, quando sua cabeça se chocou contra as grades do estádio.

15 Jornal La Hora, 4 de setembro de 2013. Outras fontes informam que, em 2013, houve 50 incidentes em nível nacional.

13.06.2011	Guayaquil	Torcedores do Barcelona Torcedores do LDU	Torcedor do Barcelona faleceu em um centro de saúde em Guayaquil, após ter sido brutalmente espancado por supostos torcedores da Liga de Quito, em seguida a encontro das duas torcidas no estádio Monumental.
20.06.2009	Quito	Torcedores do LDU Torcedores do Nacional	Torcedor do El Nacional foi assassinado supostamente por torcedores da barra La Muerte Blanca do LDU, logo depois de um enfrentamento entre os dois times no estádio Casa Blanca.
16.11.2007	Guayaquil	Torcedores do Barcelona	Uma criança morreu por conta do impacto de fogos de artifício lançados do setor da barra Sur Oscura ao setor de camarotes do estádio Monumental, no clássico Barcelona vs. Emelec.

Como se observa na tabela acima, num intervalo de cinco casos, em todos os incidentes estão envolvidos torcedores dos quatro principais times que mencionamos neste capítulo. Em um deles, inclui-se também a força pública de segurança. Três falecimentos acontecem em Guayaquil e dois em Quito. Dois casos têm a ver com enfrentamentos entre torcedores da mesma localidade – torcedores do Barcelona e do Emelec e torcedores da LDU e do Nacional). Um caso relaciona-se a enfrentamentos entre torcedores do mesmo time (*La Muerte Blanca*).

No caso equatoriano, não é possível entender o debate da violência senão por meio das rivalidades e das relações regionais e locais que também se expressam entre as equipes e seus torcedores. A histórica bipolaridade política, econômica e urbana, expressa na "questão regional", faz com que os quatro grandes times de futebol equatoriano se concentrem nas duas principais cidades: Quito e Guayaquil.

Entretanto, enquanto em Guayaquil tem existido uma histórica rivalidade entre seus principais times, em Quito se produziram mudanças dependendo do êxito e do fracasso de seus clubes. Nos últimos anos, a consolidação das *barras*, muitas delas originadas no final dos anos 1990, potencializa-se no duelo entre *La Muerte Blanca* e a *Sur Oscura*, o que constitui

um efeito visível – no campo esportivo – do histórico confronto entre estas duas cidades, conflito impulsionado pelas elites locais.

Mesmo que não tenham sido analisadas neste artigo, também se produzem rivalidades entre equipes centrais – Quito e Guayaquil – e as da província. Isto deriva em parte da contínua melhora dos clubes considerados pequenos, além das disputas entre torcedores da mesma província ou da sub-região do interior do país. Daí a importância de se realizar uma abordagem espacial, em escala local, regional e nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo; RODRÍGUEZ, Maria. "El aguante y el imaginario masculino y popular en el fútbol argentino". In: *Futbologías*: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

_____. "Aguante y represión. Fútbol, violencia y política en la Argentina" In: *Peligro de gol*: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO-ASDI, 2000.

BROMBERGER, Christian. "La pasión futbolística y la Copa del Mundo: por qué tanto ruído y tanto fúria?". In: SUGDEN, J.; TOMLINSON, A. (Orgs.) *Host and champions* Aldershot (UK): Arena, 1994.

CORAGGIO, José Luís. "Los términos de la cuestión regional en América Latina" In: *La cuestión regional en América Latina*. Quito: Ciudad-IIED, 1989.

DUNNING, Eric. "El deporte como coto masculino: notas sobre las fuentes sociales de identidad masculina y sus transformaciones" In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

GIULIANOTTI, Richard. "Enlightening the North: Aberdeen Fanzines and Local Football Identity". In: ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard. (Org.) *Entering the field*. Oxford: Berg, 1997.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MAIGUASHCA, J. (1992) "El proceso de integración nacional en el Ecuador: el rol del poder central, 1830-1895" In: *Historia y región en el Ecuador 1830-1930*. Quito: Corporación Editora Nacional-FLACSO, 1992.

MAGAZINE, Roger; RAMÍREZ, Jacques; MARTÍNEZ Samuel. "Las rivalidades futbolísticas y la construcción de la nación: una comparación entre México y Ecuador". *Revista Iconos*. Quito: FLACSO- Sede Ecuador, n. 36, 2010.

MONTÚFAR, Cesar. *La reconstrucción neoliberal*: Febres Cordero o la estatización del neoliberalismo en el Ecuador 1984-1988. Quito: AbyaYala, Universidad Andina Simón Bolívar, 2000.

QUINTERO, Rafael. "Legitimidad, poder y región". In: *La cuestión regional y el poder*. Quito: Corporación Editora Nacional-FLACSO-CERALC, 1991.

_____. SILVA, Erika. "Región y representación política en el Ecuador contemporáneo (1939-1959)". In: *La cuestión regional y el poder*. Quito: Corporación Editora Nacional-FLACSO-CERALC, 1991.

RAMÍREZ, Jacques Paul; RAMÍREZ, Franklin Gallegos. "Como insulina al diabético: la selección de fútbol a la nación en el Ecuador de los Noventa" In: *Revista Iconos*. Quito: FLACSO, n. 12, 2001.

_____. "Fútbol e identidad regional en el Ecuador". In: ALABARCES, Pablo (Org.) *Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

_____. "Breves apuntes teóricos para acercarse al problema del fútbol, masculinidad y violencia" In: MARTÍNEZ (Org.) Fútbol-espectáculo, cultura y sociedade. Ciudad de México: Editorial Afinita, Universidad Iberoamericana, 2010.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. "O lado hard da cultura cool: as torcidas e a violencia no futebol". In: P. Alabarces (Org.). *Futbologías*: Fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

SOUZA, Marcos Alves de. *A "nação em chuteiras"*: raça e masculinidade no futebol brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília Dissertação de Mestrado/ Departamento de Antropologia, 1996.

7. Transformações na organização da torcida futebolística no México: o surgimento, a territorialização e a criminalização das barras (1995-2014)

Roger Magazine
Sergio Fernández González

INTRODUÇÃO

As práticas dos torcedores de futebol profissional no México têm sido marcadas, durante os últimos vinte anos, por duas mudanças que podem ser consideradas profundas: a primeira, com o surgimento de grupos de animação denominados *barras* e a segunda, com a sua "territorialização" e a "barrificação" de bairros populares. *Barras* são grupos compostos por jovens que opõem seus objetivos e suas práticas a torcedores rivais, a diretorias de clubes, de governos e de outras instâncias de poder. Sua territorialização diz respeito à secção destes grupos em subgrupos por regiões territoriais de origem. Já a barrificação refere-se à dinâmica de associação de grupos juvenis nos locais de moradia, colocando-se em confronto contra as torcidas dos diferentes times na mesma localidade. Neste capítulo, serão analisadas estas formações sociais emergentes e suas relações com as práticas e com os discursos da violência e da criminalização.

Não é possível tratar de forma exaustiva o tema da organização social dos torcedores do futebol profissional mexicano em apenas um texto. Portanto, o que decidimos realizar aqui é descrever, em termos gerais, duas mudanças radicais na organização dos torcedores mexicanos tal como aconteceram nos últimos quinze anos. Interessa entender como estas mudanças influenciaram na representação e na maneira como os torcedores são retratados pelos meios de comunicação, pelas diretorias dos clubes, pela polícia e por outras autoridades.

As duas mudanças estão estreitamente relacionadas a determinados processos de transformação significativa da sociedade mexicana contemporânea. Tais processos incluem a liberalização da economia, a suposta democratização do sistema político, a debilitação do sistema de corporativismo clientelista estatal e o aumento da distância social e econômica entre